

QUINTA-FEIRA
Lisboa--24 de Março-1927

5 TOSTÕES



sempre **44**
fixe *semanário humorístico*

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

SENTIDA HOMENAGEM





Os ditos da semana



Vinda de Vinhais, apareceu em Lisboa uma mulher, perdão, um homem, que vestindo de mulher, como qualquer de nós, é homem como qualquer de nós. Este, melhor, esta — não sei por qual dos pronomes demonstrativos me hei-de decidir — particula do sexo fragil, que também pode ser forte, desembarcou em Lisboa sob a suspeita da policia, que imediatamente a submeteu a um exante alfandegario do sexo. O exame não nos interessa, como exemplo, pelo motivo, feliz e simples, de o não termos que sofrer, cedo ou tarde. O que interessa é o caso duplo. As suas vantagens são incalculáveis. Ila quem diga que nesta arbitrariedade da natureza, que se repetiu, quando se costuma dividir, é onde se encerra e apoia toda a felicidade humana.

Sendo *uma* e *outra* coisa ela pode usufruir, conforme as latitudes, as vantagens que passamos a enumerar:

Tem direito a saias e a calças, dando primazia a uma ou outra peça do vestuário ou ambas, como qualquer senhora; fazer o serviço militar na França e o serviço doméstico em Portugal; escolher o marido na America e ser escolhida como esposa na Europa; cortar o cabelo à *garçonne* e ser um *garçon*; amar o que lhe convier mais na ocasião, sem receio da policia, porque já estamos habituados a ver... a distancia, todas as inversões originais.

Como veem, para *ambos os lados* é que é o caminho! Pode-se ir à frente ou atrás que se chega sempre a tempo. Se o nosso fenomeno se casar: *ele* com *ela* ou *ela* com *ele*, não haverá disputas. Quando o marido lhe ralhar, *ela* dirá:

— Cala-te. Respeita as lagrimas da tua mulher.

O marido fica confuso, mas não convencido.

Caso contrario — a mulher ralha-lhe, e *ele* responde:

— Aqui quem manda sou eu! Se não metes a viola ao buxo, quebro-te as cordas.

Caso indefinido, realizado o casamento, o disco é outro:

— Mas com quem julga você que está falando?

— Com minha mulher...

— Prove-o se é capaz...

— Ah! não o queres ser? Então, toma...

Três estalos incizivos, repetidos. Segue-se um combate de *box* em que o *homem* deixa de ser *mulher*, para aplicar uma tunda de carroceiro no infeliz cara meta.

Complicados os termos fisiológicos do *fenomeno*, na rua, no teatro, em casa, entre amigos ou amigas, usufruirá as vantagens de ambos os sexos, sem os inconvenientes de qualquer deles. Usará linguagem despejada — *ele* por *ela*; maviosa, doce e sentimentalista — *ela* por *ele*; poliglota *ele* e *ela* ao mesmo tempo — que estará sempre no seu lugar e na sua posição. Esta salada apetitosa tem só um inconveniente.

Gravissimo, meu Deus! Tragico! — aqui não tenho uma personagem biblica e do mesmo genero para citar. E' quando, duplamente, *ela* menos *ele* ou mais, conforme queiram — casar os filhos.

Então será *sogra* e *sogro*, num corpo só, numa alma só, numa lingua só.

E' de fugir, altissima providencia! Nem todos os martires do céu se podem assemelhar aos futuros genros. Será

o diluvio! O colera! O inferno!



Andar de automovel é um martirio. Gastamos sempre mais dinheiro e chegamos sempre mais tarde. Ha automoveis para todo o preço. Claro que os mais baratos são os mais convenientes. Mas de noite, como todos os gatos são pardos, todos os automoveis são os mesmos. A bandeirinha é duma discrição que nos prejudica e engana. Pequenininha, crista de galo, acima do contador, *ela* não canta: soma devagarinho.

Soma sem ninguém dar por isso, exactamente como um poeta faz versos. Depois a gente entretem-se se vai acompanhado. Ela ha-de fazer alguma coisa. Naturalmente! Não está ali para outra coisa. Algumas ha que sabem já

logaritmos. Bem sei que os *taxis* anunciam mais barato para acabar. De dez tostões para cima ha muitos; para baixo é que não. Aqui é que está o mal. De dia a velocidade horaria deixa a perder de vista o *Argos*. Cem á hora. Um relampago.

— *Pssst!*

O *chauffeur* aproxima-se. — O que, dois mil réis a bandeira?!

O carro parou. O freguês sente-se envergonhado. Entre ele e o rei do volante ha dois metros de distancia e 80 centímetros de altura.

Quem está de alto... — o resto não se diz, porque o fazem os meninos, quando estão á janela...

O *chauffeur* é um filosofo. Tem, como principio de vida, esta máxima de respeito:

— Todos os caminhos vão dar a Roma, como vão dar ao Rato.

Escolhe as ruas mais longinquas. Se estamos no Matadouro, vai por Alexandre Herculano, corta á rua Rodrigo da Fonseca, sobe um pedaço de Braamcamp e põe-nos no Rato, depois de ter procurado a complicação maxima dos vehiculos. Se estamos no Rocio, damos muitas voltas á praça, num *looping the loop* plano — manda a policia — até entrarmos na rua do Ouro. Temos, depois, S. Nicolau, Nova do Almada, Chiado, por fim o Rato.

Quando lá chegamos, apesar de irmos de automovel, vamos cansados. Extenuadamente, extenuamos as nossas algibeiras, já sem esforço nem reacção.

Claro, que os *chauffeurs* não têm culpa da cidade ser tão grande e ter tantas ruas. A solução seria reduzir Lisboa a uma recta e o quilometro a um metro.

Mas mesmo assim estou convencido que a recta seria euclidiana, em curvas, e o metro não seria a decima milionessima parte do quarto, etc....

Tambem não admira: os nossos caminhos foram sempre do tamanho da legua da Povoas, que por sinal a calcular na travessa do mesmo nome, que fica acolá ás Amoreiras, não é tão grande como se diz.

E se nós andassemos todos a pé? Eis a melhor maneira de resolver o problema, alargando a vida com o comprimento dos nossos pecados.

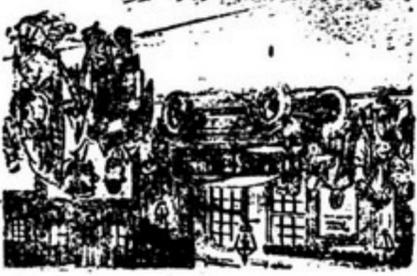
Estou convencido que dariamos a volta ao mundo, em tarifa 1, que é a mais baratinha...

A C. P. em foco



O mais nobre e elegante dos ferroviarios ou o Amer em grande velocidade

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Que sorte! Achei dois bilhetes para o baile.
—Com os fatos em farrapos não podemos entrar.
—Deixa lá. Pensam que vamos mascarados.



Aviação e geografia:
—Onde está o Uruguay, João?
—Na costa d'Africa. A 100 quilômetros do cabo Juby...



—O teu marido é pela poligamia?
—Felizmente, não. Prefere a monogamia.



—Papai, o que pensa da doutrina de Darwin?
—Que é tão certa como dois e dois serem quatro.



O empregado da aguiqueta:—Para onde queres o bilhete?
O viajante:—Não lhe posso dizer. Sou polícia secreta.

A MULHER DA VIRTUDE

Dôres de dentes

Ha dias acordei muito mal disposto e com uma forte dor de dentes. Como nunca tinha sido vítima de tamanha fatalidade, supuz que a dor fosse motivada por mau alhado, pelo que tomei a resolução de consultar uma mulher de virtude. Pesseca amiga indicou-me uma dama que tem casa na para o Loreto e que tem feito milagres assombrosos, tais como amansar uma sogra, livrar dos credores, arranjar casamentos de fortuna e fornecer pastilhas para tirar nodos da honra.

A virtuosa senhora, depois de uma serie de perguntas que me deixaram mais abalado do que a propria dor de dentes, descobriu que eu era vítima de bruxedo, provocado por uma dama das minhas intimas relações.

Tentei descobrir quem seria a malvada das intimas relações que me causava tais ralações, mas não consegui. A virtuosa mulher de virtude recomendou-me para que rezasse á noite de côcoras, três padre-nossos do principio para o fim, dêste para aquê, de lado, obliquos, etc., e que mandasse á sua residencia uma camisa nova, umas cuecas usadas mas ainda em bom estado de conservação e juntamente algumas notas de cinco escudos. Prometi satisfazer-lhe a vontade, mas, assim que cheguei á rua, mandei de presente ao diabo a mulher e as rezas.

Resolvi procurar um dentista por me parecer que neste caso era o que estava mais indicado, e dirigi-me á rua da Palma, onde está instalado um consultório.

Entrei na sala de espera, que por sinal estava á escuras. As dores atormentavam-me tanto que o meu jogo fisionómico despertou a atenção de uma senhora duns quarenta anos bem puxados, mas um pouco disfarçados com pomadas, pós e mais artigos congêneres.

—Sofre muito, cavalheiro?
—Oh! Muito! Muito!— respondi tragicamente e pondo os olhos em alvo.

—Calcúlo! Calcúlo!—acrescentou a dama.—Felizmente que nunca sofri dos dentes, mas parece-me que deve ser uma coisa terrivel!

Esta frase aguçou-me a curiosidade e perguntei á senhora em questão se ela não fora ali para se tratar.

—Não! Se aqui venho três vezes por semana é para poder falar com uma amiga de quem o meu marido não gosta, porque ela fala muito alto e ele sofre duma doença exquisita que lhe ataca de preferencia a cabeça.

Nesta altura, entrou um individuo, que se aproximou da dama, cumprimentando-a amigavelmente. Ela levantou-se e os dois dirigiram-se para a janela, onde ficaram falando baixinho. Compreendi então porque a excelente senhora evitava desagradar ao marido, que sofria de certo modo na cabeça...

A ocupar o lugar desta senhora, sentou-se outra que, passados uns minutos, me perguntou as horas que eram inofensivo pretexto para entabular conversa. Falámos de diversos assuntos. Eu lamentei a carestia da vida, em especial o preço da carne; ela protestou, por sua vez, contra o exageradissimo preço do nabo, da peçadilha de rabo na boca e bem assim contra a falta de tomates que ha

tanto se faz sentir nesta desacreditadap raça. Por fim, como não podia deixar de ser, falou-se de dentistas e dores de dentes.

—Tenho sofrido imenso!— diz-me ela.—Quando andava com o meu filho mais novo no ventre, as dores atacaram-me tanto que tive de recorrer a quatro dentistas. Foram nove meses de sofrimento!

Eu retorqui que com a minha mãe sucedera exactamente o mesmo, mas que ela, em vez de recorrer a diversos dentistas, pedira o auxilio de algumas parteiras diplomadas, anafadas e louvadas no Diário do Governo como benemeritas, que extraíam, com necessidade de ferros, este exemplar que tinha a honra de lhe estar falando.

—Oh!—exclamou a dama, fazendo-se vermelha, por não ter naquela occasião outra côr disponível.—Não me referi a isso, mas simplesmente á dor de dentes, que por coincidência veio quando estava grávida!

—Oh!—exclamei por minha vez.—A' minha mãe aconteceu o contrario. Por coincidência, engravidou no momento em que estava com uma forte dor de dentes!

Após dua horas de espera e de desespero da minha parte, coube-me a vez de ser consultado. Sentei-me na marqueta, tendo primeiro pedido licença á illustre titular que, ou fosse por indelicadeza ou por surdez, não me ligou nenhuma. O dentista, depois de ter metido na minha boca diversos objectos, tais como: um piassaba, um espelho, duas pinças, uma borracha para elistérés e um maço de algodão hidrófilo, com todo o sangue-frio declarou que eu necessitava arrancar três dentes, chumbar oito, polir dez e limar onze. As dores, após esta declaração, aumentaram assustadoramente e os meus olhos dilataram-se de tal fórma que vi na minha frente um dentista com duas cabeças e outras tantas bocas.

O dentista, que, diga-se de passagem, é um dos melhores artistas no género, acrescentou:

—O tratamento faz-se rapidamente. E' questão apenas duns onze meses e, por ser para o meu amigo, transformo a sua boca hedionda numa outra tentadora e bastante apetecivel, pela modica quantia de mil e quinhentos escudos. Tambem posso, pelo processo do dr. Voronoff, substituir a sua dentadura por uma de cavallo. E' trabalho mais caro mas de efeito surpreendente!

Julguei que ia desmaiar. Não o fiz por parecer mal, mas tomei a resolução de fugir como um louco, só parando na minha residencia, onde notei que as dores me haviam desaparecido. Em minha casa, depois de me certificar que, pelo calculo do dentista, o tratamento era para trinta e dois dentes, notei com profundo espanto que apenas possuia vinte e oito!

Das duas; uma: eu o doutor se enganara na contagem, ou o susto que ele me pregára fora tão violento que, sem dar por tal, eu tinha engolido quatro dentes! Se succedeu este ultimo caso, embora me dê trabalho e precise de pender muita paciencia, ainda tenho esperança de os recuperar. E' questão de obrar com um certo cuidado...

Reclx.

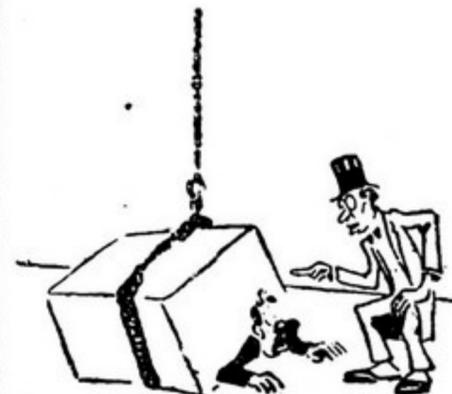
**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Tens lido muito ultimamente?
—Não; não tenho estado doente...



—Papai, o que é um peão?
—Um homem que anda sempre diante dos automoveis...



—Espere um bocadinho, enquanto vou pedir socorro. Sobretudo, não se mexa...



—O que queres ser quando fores crescido?
O menino, que vai ao animatografo:
—Ladrão!



O doente:—Será uma operação perigosa, sr. doutor?
O medico:—Como queres que lhe faça uma operação perigosa se lhe levo apenas vinte escudos...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

CONSTA que vai abrir o Maria Victoria.

E' bom que, iniciado o match teatral, nenhum jogador desista com receio da incompetencia... Ha exemplos recentes...



O JOSE Climaco, republicano fervoroso e um pouco livre-pensador, vai montar, no Eden Teatro, peças populares, de nitido caracter religioso e historico.

Será uma conversão? Propomos, nesse caso, a Estrada de Damasco...



S. CARLOS deu-nos *Entre lobos*. Representação realista—o bastante feroz. Os artistas carregaram nos vivos, Palmira Bastos não os domesticou—termo plausivel e sem melindre, dada a natureza da peça. Será um espectáculo á Coliseu dos Recreios,, com hienas na pista?



BOA-HORA aparece, nos jornais, como titulo de revista. Tudo indica que seja absolutamente original. Não deve intervir o teatro estrangeiro.

Porque, quem o alheio veste, na Boa-Hora o despe.



MARIA Helena despede-se do teatro com a *Garota*, em representação unica. Poondo do parte confrontos, devemos dizer que o papel é tão pequeno como a interprete.

Pelo menos, são da mesma idade.



Les beaux masques...

—ENTÃO o Lino Ferreira já acabou a *Agua-Pé!*

—Ainda nem principiou. Está nas provas ainda...



—AFINAL, o Paganini!

—Muito bom. Mas houve um descuido. O Silvio Vieira não pagou ao cabeleireiro e apareceu no palco com os cabelos crescidos.



—VISTE *Le Tombeau sous l'Arc de Triomphe?*

—Qual historia! Fui ao Trindade mas fiquei a vêr navios, porque o monumento não appareceu...



O sr. doutor e seu marido vai ser retirado do cartaz.

Um mês de audiencias, para os tempos que vão correndo, já não é pouco. E' mesmo um sucesso!



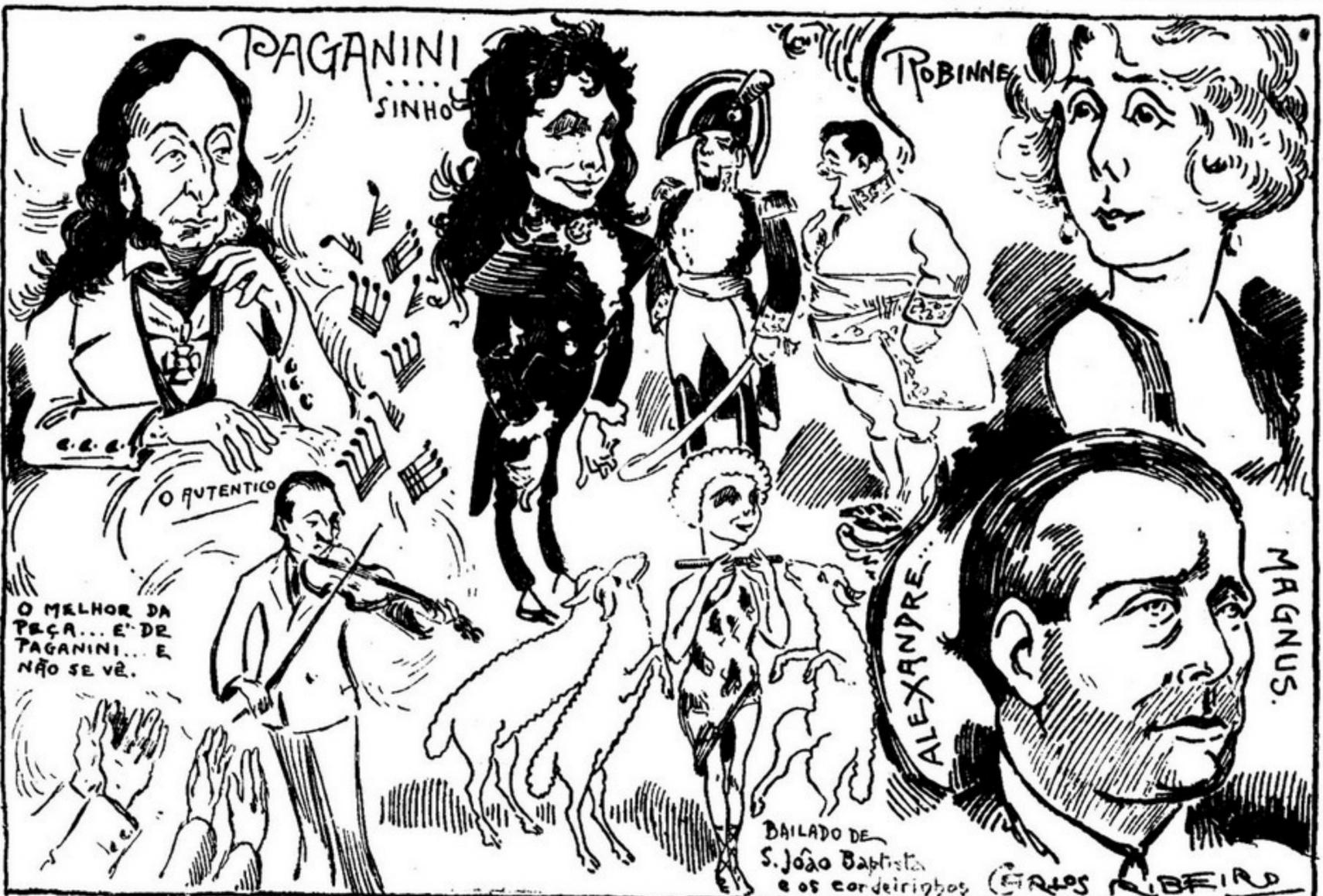
UMA companhia de revista parte brevemente para a provincia.

Pelo visto, o verão, este ano, começou mais cedo...



A COMPANHIA do Gimnasio vai ás ilhas. E' o seu primeiro raid atlantico. Não tarda muito que chegue ao Brasil—com as folhas viçosas dum loureiro...

O Homem das 5 horas



CANÇÃO NACIONAL

Fado do Chiado

Mote

Do convento até ao tascó andou o pobre Chiado e, a fazer versos a um casco, ficou immortalizado.

Glosas

De costas p'r'a Mundial, na cadeira repimpado, vê-se o poeta Chiado de bronze num pedestal. 'Stá fazendo um recital risonho como um damasco, como a ironia num frasco a mostrar que, pelo suco, foi um Pinheiro Maluco do convento até ao tascó.

Diz a velha historia lusa, cuja essencia tu afogas, que o poeta andou nas Chagas a espulhar a sua musa. Mas que ideia tão obtusa de o desaiarem do lado onde estava acostumado a prégar os seus sermões e, assim, aos trambulhões andou o pobre Chiado...

De sorriso tão fadista, cu quasi tenho a certeza que está a olhar p'r'Havaneza, dizendo adeus ao Baptista. E, no seu ar de trocista, a pensar no tempo rasco e que o povo o escutava entre um mote que glosava e a fazer versos a um casco...

O Chiado encima a c'róa do mundanismo elegante, aonde a mulher galante sobe ao trôno de Lisboa. Pelos acordes que então, o tradicional Chiado, alegre, segue o seu fado por vêr que com igual fé o seu colega Garrett ficou immortalizado...

José Barbosa.

Reflexões tardias



Ela:—Com uma mulher de bom senso é que eu devia ter casado
Ela:—Uma mulher de bom senso não queria casar-se contigo.

CA E LÁ...

OS AUTORES

em noites de estreia

Cá e lá, aqui e em toda a parte, sofrem os autores, nas noites em que estreiam, supplicios ignorados dos publicos que, além do pano, julgam as suas obras desapiadadamente, ao sabor duma antipatia ou duma má digestão.

Quem nunca sentiu ou foi testemunha destes tormentos, quem nunca contemplou o supplicio das derradeiras victimas da pior das inquisições, não pode julgar o que os autores sofrem no local do crime (os que tem essa coragem, pois outros vão esperar longe que lhes levem noticias do julgamento). Gerardo Ribas descreve, em *La Nación*, a estreia de «El Sobre Verde», no teatro Apolo, de Madrid, zarrando os supplicios a que aludi mos:

«Num camarim do teatro Apolo, encontro o maestro Guerrero, Paradas e Jimenez, minutos antes de começar a primeira representação de «El Sobre Verde».

Paradas bate o record da magreza: fraco, palido e trémulo.

Jimenez, resguardado num casacão, agarrando um cigarro com as mãos e com a boca, um cigarro que nos seus labios descoloridos baila um charleston ao compasso do nervosismo; tem um aspecto de torturado moral que nos deprime a todos.

O maestro Guerrero, impecavel dentro do smoking flamante, desce á orquestra com um sorriso que é a carêta angustiosa da incerteza.

Entra alguém no camarim e Jimenez deixa advinshar um fio da sua voz fraca, para interrogar:

—Já começou?

—Ainda não, antes de Guerrero começar a reger hão-de se ouvir aplausos.

E, como se a alentadora nipojese tivesse um alto valor emotivo, os autores suspiram, trocam um olhar de pânico mutuo e aos olhos de Jimenez, atravez dos vidros das lunetas, assomam lagrimas...

Passamos todos ao palco do Apolo. Um bombeiro aproxima-se de Jimenez para lhe dizer com maus modo:

—Aqui não se fuma!

O fumador olha o bombeiro com gesto de incompreensão e tira uma fumaça mais forte, inchando as bochechas com fumo.

—Não ouve? Aqui não se fuma!

—Porquê?

—Está prohibido.

Jimenez abandona o cigarro com pena e diz-me, muito sério:

—Isto é uma crueldade, não lhe parece? Ao pobre autor nem o deixam fumar. Deviam-lhe respeitar essa distracção. Não lhe parece?

E termina resignado:

—Entfim que fazer? Se está prohibido, não fumarei.

E acende outro cigarro.

Paradas, que não cessou de passeiar, aproxima-se para dizer a Jimenez, seu impaciente colaborador:

—Olha que ainda não se riram.

—Esperemos... a vêr! Mas se isto se complica, vamo-nos embora daqui.

E desejando explicar e justificar o mêdo que lhe corre nas veias:

—Sim, porque não ha direito a sofrer a má disposição dos outros, não ha direito... e se isto se complica...

—E' a segunda vez que lhe digo que não pode fumar! A' terceira já sabe que se vai embora daqui... diz o bombeiro.

—Não ha direito...—continua Jimenez, distrahido.

—Ainda em cima protesta?

—Perdõe-me, estava distrahido; falava com este senhor, que é redactor de *La Nación* e que está entrevistando, digo observando, estudando...

E se não se aproxima o contra-regra, deitando agur, na *tercera*, não sei onde iria parar a pitoresca explicação que Jimenez tentava dar ao da bomba.

Neste momento, chegou até nós o êo duma gargalhada franca, ruidosa.

—Riram-se!... Já são nossos! Paradas manifesta-se jubilosamente.

Com ar de traidor de melodrama, com passos cautelosos, avança a sombra de Antonio Paso, que larga por detraz dos aflitos autores:

—Ai filhos, que pateada!

Paradas e Jimenez voltam-se francamente aterrados e, ao observarem o riso trocista do autor da partida, disfarçam uma carêta pre-homicida...

Chui o pano sobre o primeiro acto e, congestionado, risonho e optimista, entra o maestro Guerrero.

—Maravilhoso! Todos geniais! Estupendos actores! Ilustres cantores! Activos carpinteiros! Polieromos scenografos! Excelente contra-regra! Todos triunfantes! Todos insuperaveis!

E com um ardor verdadeiramente entusiasta, começou a levar gente para a scena, e tal é o fervor com que acomete a tarefa, que o cronista tem que se livrar bravamente dos braços esforçados do joven maestro, que não salendo já queri levar, o queri arrastar para a scena.

Durante o intervalo, distribuia Guerrero mais de cinco mil abraços. O *groom* do jornal, que veio trazer um recado ao cronista, declara:

—Que simpatico que é este senhor! Deu-me um abraço como se eu tivesse feito um grande favor ou fosse seu amigo velho!

Pela Induccion,

Perez-Lachaise

Bom humor

Em viagem de nupcias, no comício:
Ela:—Se soubesse que este fado era tão largo, tinha-te dado um casco...
Ela:—Como?! Não foste...
que me beijaste?

Num tribunal. Um periodo do processo de defeza:

—Lembra-vos, senhores jurados, que a carteira da vitima estava vazia. O meu cliente matou com um desinteresse muito raro nestes tempos...

O *escritor*:—Ainda demoras neste tempo a arranjar-te?

A *collera*:—Estou pronta. Fica-se por o chapim e calçar as luvas.

O *escritor*:—Bem! Então ainda teño tempo de escrever um capitulo.

—E' possível o que dizem. Tu marido fugiu com uma casinheira?

—Oral! De qualquer modo eu tinha que a despedir...

Na policia:
—Sr. agente: encontrei as joias que supunha roubadas.

—Que pena! Nos tinhamos agora uma pista tão boa...

Maria:—Ontem, perdi o meu cãonho.

Alicia:—Porque não pões um anúncio no jornal?

Maria:—E' inutil! Ele não sabe ler...

—Recebi uma carta anonima em que me chamam idiota, imbecil, estúpido. De quem seria?

—Ha de ser de alguém que te conhece intimamente.

Perante o tribunal:

O juiz:—E' esta a vigesima vez que o senhor aqui vem por embriaguês.

Espero não o tornar a vêr...

O *reac*:—O sr. juiz vai pedir a reforma?

O *professor*:—E' uma vergonha, João. Na tua idade já sabia ler.

O *aluno*:—Naturalmente, teve um professor melhor do que o meu...

Ela:—A cartomante disse-me que daqui a um mês estamos casados.

Ela:—Quanto te levou?

Ela:—Trinta mil réis!

Ela:—Como es gastador, Jorge! Eu dizia-te a mesma coisa... de graça.

—Estás tão sério, Artur! Tens alguma coisa?

—Não tenho nada, mamã! Estou lendo revistas comicas.

Na padaria:
O *caixeiro*:—Olhe que o pão subiu hoje quarenta centavos em quilo.

O *freguês*:—Bem! Dê-me, então, um de outro.

Na padaria:
O *caixeiro*:—Olhe que o pão subiu hoje quarenta centavos em quilo.

O *freguês*:—Bem! Dê-me, então, um de outro.



!! Não queira ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

BRISTOL CLUB DANCING
Jantar concerto das 19 às 22 h.

NOVELA DO "FIXE"

A TIA ESQUECIDA

A amnésia é um estado terrível, cujas consequências podem ser das mais desastrosas, mas invariavelmente tem fases das mais cómicas que se podem imaginar. O primeiro sintoma é a distração. Ha criaturas distraídas que se prestam ao maior gaudío e o mais curioso é que, geralmente, essas pessoas são as mais honestas do mundo, serviciais e, portanto, cumpridoras dos seus deveres ou, para melhor dizer: com toda a intenção de serem fiéis cumpridoras.

De uma senhora, ligada a uma das primeiras famílias de Lisboa, contam-se peripecias extraordinárias, como, por exemplo, a que se segue:

Uma vez que saiu, encarregada de fazer umas pequenas compras, a última a fazer foi em determinada pastelaria da Avenida. Era ainda de manhã cedo. Um vez os bolos comprados, foi para a beira do passeio esperar um carro para a levar para os lados do Príncipe Real, hoje Rio de Janeiro. Passou um carro, entrou cheia de ombrulhos, e agora queira o leitor ouvir como ela descreveu a viagem que não chegou a realizar:

«—Imaginem vocês que eu subi para o carro e, como trazia o espirito preocupado porque tinha a certeza de que me faltava determinada compra a fazer, estava bastante abstrata. Eu só via sair e entrar gente e, a respeito do carro andar, nada... Por fim lá deu um balanço e então é que eu vi onde estava...»

Vocês lembram-se daqueles carros da Camara que eram usados como talhos ambulantes? Pois eu entrei para a plataforma dum deles e deixei-me ficar, julgando que ia para o Príncipe Real. Os passageiros que subiam e desciam eram as sopeiras que iam comprar carne e eu só desci do carro depois do primeiro balanço, que o boi que puxava lhe deu e de ter acariciado o meu chapéu e a cara numa enorme peça d'alcatra que estava pendurada num gancho de ferro...»

Muitas vezes, essa senhora esperava um carro para ir para casa e para

isso, como nós todos, procurava o letreiro. Pois era tal a ideia fixa que, distraidamente, olhava para o letreiro, mas não o lia ou, se o lia, embora tivesse indicado outra direcção, parecia-lhe que era aquela que desejava, o que fazia com que algumas vezes, querendo ir para o Príncipe Real, fosse parar a Xabregas!... E muitas vezes até se indignava com o condutor, dizendo-lhe:—«Ora, ora a minha vida!... Porque é que o senhor não me disse para onde ia o carro? O senhor não sabia que eu queria ir para o Príncipe Real?»...

Mas mais importante do que isso deu-se comigo ou, para melhor dizer: fui testemunha ocular e auxiliar dessa distração.

Certa pessoa muito conhecida no meio teatral e que teve um período terrível pelo abuso de estupefacientes, uma vez, numa cidade do norte, por perder o tino aonde estava a terrível droga que preparava, ia vitimando um cão!

Essa dita pessoa foi apanhada em flagrante com uma garrafada do alcaloide que ela preparava ás ocultas. Ora deus o caso que, sendo ela muito amiga de cães e tendo um de estimação, ao qual tinha resolvido, por estar doente, dar-lhe um clister de agua morna, uma bela-tarde alguém entrou de surpresa e vigilancia no local onde ela estava e, ao ver tanta garrafada e canecas em cima da mesa, disparou-lhe esta á queimadoura:

—Com que então, não ha juízo, hein? Continuas com esse maldito vicio?

Essa pessoa, ao ouvir-me, não se desconcertou e, atrapalhada, perdeu a noção exacta aonde estava a droga em preparação e diz-me:

—Estás enganado... não é o que tu julgas...—E, mostrando-me uma seringa de borracha, continuou:—Isto é para dar um clister ao cão, coitadinho, que está muito doente.

E ali, na minha frente, deu o clister ao animal.

Mais tarde vim a saber, e acredito, que o animal tinha recebido pelo lado oposto, toda a reserva de cocaina... numa mesinha...

Mas este caso não é mais do que uma sequencia de uma situação anormal, derivada de uma mania. Anormal, estado natural só com a primeira pessoa a que me referi, que durante anos não se passava uma semana que não lhe acontecesse um precalço, como este que vou contar a vossas vellezas:

Essa senhora tinha um irmão com três filhos pequenos que gostavam imenso de brincar com mais dois filhos de uma outra irmã, isto é cinco primas com diferenças de idade muito pequenas — quatro, cinco e seis anos.

Aquela creche juntava-se amiudadas vezes na semana e era o enlevo dos pais e tios. Dá-se o caso que os três filhos da casa nunca largavam as saias da mãe.

Uma vez que chegou a tia esquecida, inesperadamente, a casa da irmã, esta chamou-a de parte e disse-lhe:

—Ainda bem que vieste porque, como eu tinha que sair, com pouca demora, aproveito a ocasião de tu cá estares para me tomares conta nas crianças, mas não digas ao meus pequenos que eu saí, senão eles fazem para ali alguma scena que ninguém os atura.

— Está dito! — disse a tia esquecida.

A mãe dos petizes saiu á sucapa e a tia, assim que tomou conta neles, a primeira coisa que lhe veio á boca com ar conselheiro... f. a seguir...

—Olhem, a mamã saiu, mas disse-me que não lhes dissesse nada, do contrario vocês começavam para ali a gritar, a pontos de eu não os poder aturar.

Foi como que um rastilho numa bomba, foi como que o passar de uma tromba numa noite de tempestade, foi um terramoto!...

Os três primeiros desataram a cho-

rar, o choro comunicou-se aos primas petizes e dali a nada o visinho de baixo batia com um pau de vassoura para cima e o visinho de cima batia á porta para saber o que se passava.

A patizada já não tinha lagrimas, os olhos eram de peixe japonês em aquario caseiro. Enfim, um inferno!

Um padreiro que descia e ouviu o barulho da petizada atrás da tia, que dava explicações á vizinha do lado, assim que desceu a rua, informou um policia que uma mulher estava a bater nas crianças. O policia sobe a escada lépido e, como encontrou a aquela orquestra infernal agarrada ás saias da senhora, levou-a para a esquadra, seguida daquele jazz-bando infantil e de muito povo.

A desgraçada tia só dizia:

—Ora o que a minha irmã arranjou!...

Na esquadra não foi possível arrancar uma só palavra ás crianças. A cada pergunta do chefe, respondiam chorando num coro de gritos selvagens e a babarem-se. A tia só dizia:

—Vocês estão doidas! Eu bati lá nas crianças!...

Enfim, o dia de juizo!

No entanto, apareceu a irmã, que pôs tudo no são, visto que a petizada calou-se logo, o que não obstou a que um informador de jornais fornecesse á imprensa uma nota, que deu lugar á seguinte noticia:

Umco crianças agredidas por uma dama de companhia

Etc., etc., etc e mais o resto que os jornais costumam aumentar...

E o caso é que a pobre senhora sofreu um tal abalo que ainda hoje, quando lhe falam no caso, diz:

—O que eu acho exquisito foi para o que me deu!... Eu bater nas crianças quando gosto tanto delas!... Ha ocasiões que nos passam coisas pela cabeça!... Para que me havia de dar!...

José Barbosa.



— Uma esmolinha, pelas alminhas de quem lá tem, meu rico bemfeitor...
— Não pode ser... Nosso Senhor o favoreça...

— Sou um aleijadinho...
— Não pode ser, já lhe disse!
Vá lá pedir esmoia para a sua terra!...

— Mas quem lhe disse que não sou cá da terra?
— Se fosse cá da terra já sabia que não dou esmoias a ninguém!



UM CARTOMANTE SPORTIVO

Os 4 "goals" do Portugal-França

Para os espectadores do II Portugal-França, as sensações violentas começaram logo á entrada do Estádio.

O serviço de desordem foi superiormente organizado. Dos três largos portões da entrada principal, so um meio batente se entreabriu para dar acesso aos milhares de aficionados da bola. Como é que estes conseguiram escapar á morte por esmagamento? É um misterio desconcertante.

O que é indiscutível é que a Federação conseguiu deste sabio modo evitar a despesa de mais quatro porteiros—o que: a doze escudos por cabeça, representa uma economia perfeitamente liquida: de quarenta e oito escudos.

É decerto este o grande segredo para conseguir receitas de cento e vinte contos...

* * *

O espanhol Colina não foi um arbitro—foi um pail

Liberto, *off-side*, recebe a bola. Corre com ela. Centra. *Etcoetera*, *etcoetera*, até que a bola bate em Wallet e cai dentro das rédes francesas. Goal!!! 1 a 0!

Viva a Espanha!

José Manoel, *off-side*, a três metros das balizas, torna a meter a bola na meta francesa. Goal!!! 2 a 0!

Viva a União Iberica!

* * *

Antes de iniciar o segundo tempo, o onze português alinha em frente dos camarotes e sauda o general Carmona.

Os franceses, entretanto, divertem-se a pontapear ao acaso.

Comentário dum espectador:

«—Os «gajos» são democraticos...»

* * *

Quando sofreu o quarto goal, o guarda-rédes Dhur ficou: Dhurissimo.

* * *

Um José Manoel marcou dois pontos. Outro José Manoel marcou outros dois.

Em resumo: quatro em dois separados...

* * *

A maior parte da *équipe* francesa era constituída por jogadores que já

se não usam. Nenhum conseguiu sobressair. Ou melhor:—salientou-se o defeito Wallet pela... gordura.

Nos *avanzados*, até os trouxeram Crúsi!

* * *

A vitória de França era impossível. Em todo o *team* francês havia apenas um Wallete.

Como haviam eles de ganhar o jogo, com um Wallete só contra os nossos onze *aces*?

* * *

O desporto alarga os seus dominios a olhos vistos. Agora entrou já nos dominios da profissão de pantomineiro—de propagandista da Praça Luis de Camões. Apreciem esta arenga ás turbas, fielmente reproduzida:

«—Excelentíssimas senhoras e cavalheiros! Não venho aqui para pronunciar palavras desnecessarias e redundantes. Também aqui não venho iludi-los com habilidades manuais ou piadas de mau gosto! Não!

«Estou aqui para lhes lembrar suintamente o efeito salutar da cultura física sobre o nosso organismo e a nossa anatomia. Sabei, oh anoni-

mos, que a cultura física desenvolve e fortalece o biceps, o triceps e o forceps; o deltoide, o romboide e o celuloide; o pequeno redondo e o belo redondo; o costureiro, o serralheiro e o carpinteiro; o trapésio, o losango e o quadrado; o grande dentado e o pequeno frisado; o grande peitoral e o pequeno litoral o primeiro abductor e o segundo sodutor!

«É a preparação necessaria para a pratica saudavel dos desportos.

«Podereis então pratica" a esgrima natural do *box* — com as suas esquivas, as paradas, as formaturas, a *blockagem* e a *mise en marche*, o directo, o tramway, o *crochet* e o bordado a *matiz*.

«Podereis então nadar como os peixinhos — fazer a prancha, o sobrado, nadar de bruços ou a pinço, o *eccr-arm-stroke* e o *desarmado-fox-trot*.

«Podereis então brilhar em todos os desportos — no *catch* *à catch can*, no *andó amarelo*, no *rugby*, na *bisca*, no arco, na esgrima, no loto e no bilhar.

«Em pouco tempo podereis aliar a graça do *pintasilgo* de poupa, á força

do eletante e á velocidade da gazela espavorida.

«Minhas senhoras e meus senhores, façam todos cultura física.

«Todos vós: linfaticos, anemicos, espantados, albuminosos, obesos, freneticos, nefriticos, colericos, excetricos—de pé! Todos vós: côxos, alcoolicos, hesitantes, maniacos, alucinados, neurastenicos, falsificados, apraxicos, alienados e libidinosos—de pé!

«Vamos, meus senhores! Cultura física! Cultura física!

«Mas... porque ha um *mas*...

«O desporto dá-nos força, graça, beleza—mas não suprimo o martirio dos calos!

«Pois bem, minhas senhoras e meus senhores, hoje—e só hoje—a fim de tornar conhecida a casa Pires e Sales... e como me restam ainda alguns frascos deste maravilhoso calicida que cura radicalmente, além dos calos, a calvicie precoce, a urticaria hipotetica, a otite aguda...»

* * *

No ultimo numero, dissemos nós como a epidemia dos taxis aumentou consideravelmente a massa desportista, fabricando aficionados do automobilismo.

O taxi foi um invento democratico. Qualquer pode fazer do passeio, o gesto ritual—e o automovel que corria—detem-se e espera.

Nesse gesto de mandar parar o automovel ha o sentido intimo duma positiva contra-evolução.

É o amador automobilista que tende a generalizar-se, não grama o homem jaetancioso que atravessa a rua com o seu *passo*, sem descompôr-se, como se tivesse nascido para general de divisão ou como um sacerdote que levasse o viático. O homem jaetancioso que nem altera a cadencia, quando o automovel o roça, convencido até á medula que um cidadão tem *direito á rua*—direito que em boa verdade só pode ser reclamado pelas bestas.

O novel automobilista amador não grama esse homem, esse despresivel peão que, depois de discutir com o *chauffeur* a quem deve a vida, e de lhe ter chamado *bruto*, se afasta cadenciadamente... com o seu *passo*...



Cá estou outra vez á cabeça, graças ao Bemfica e Sporting

Rebola-A-Bola.



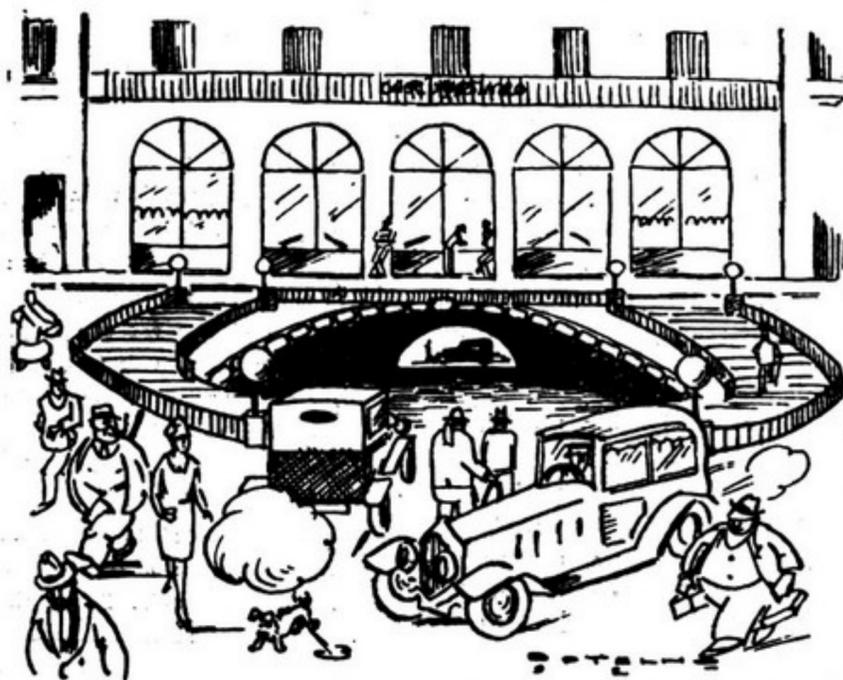
— Também danças assim tão leve?
— Ou mais ainda. Mas hoje não, que tenho o estomago pesado.



— Miss, este é o celebre Romão Gonçalves?
— Pela boca deve ser. Está a dar o dó do peito.

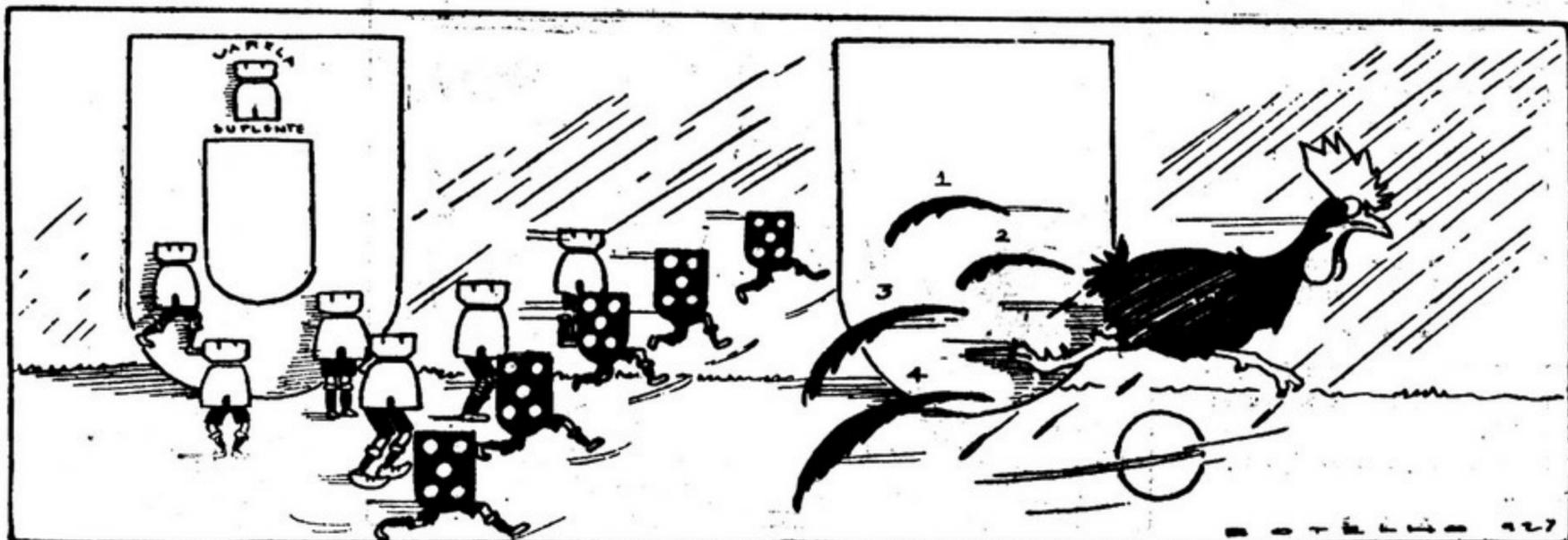


— Tu que és poliglota, diz qual é a lingua mais maleavel.
— Todas, menos a de minha mulher...



Outro tunel-mictorio no Rocio, por baixo do Martinho. Optimo para as bebidas diureticas e com linda vista para Pernão... buco.

O DESAFIO INTERNACIONAL



... Ora aqui está porque Portugal venceu a França